

POR UMA HISTÓRIA PLURAL: COLONIZAÇÃO E IDENTIDADE NO CONTO “A HISTORIADORA OBSTINADA”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

FOR A PLURAL HISTORY: COLONIZATION AND IDENTITY IN “THE HEADSRONG HISTORIAN”, BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Priscila Finger do Prado

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (Curitiba/Brasil).

Docente no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-oeste (Guarapuava/Brasil).

E-mail: priscilletras@yahoo.com.br

Luana Miranda

Graduada em Letras e em História pela Universidade Estadual do Centro-oeste (Guarapuava/Brasil).

E-mail: luanamiranda291@yahoo.com

Recebido em: 9 de setembro de 2020

Aprovado em: 26 de novembro de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 1 | p. 137-150 | jan./abr. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2396>

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre relações entre literatura e história, ao analisar aspectos sobre colonização e identidade no conto *A historiadora obstinada*, do livro *No seu Pescoço*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Na leitura do conto, percebe-se a representação do choque cultural entre o colonizador e o colonizado, bem como a forma como a identidade cultural africana é alterada, até que haja uma contemporânea desmistificação da história oficial do colonizador pelo olhar da personagem Grace. O conto, publicado em 2017, aponta para a discussão sobre a necessidade de trabalhar outro olhar sobre a colonização de países africanos como a Nigéria, desta vez a partir da visão do colonizado. O estudo foi norteado pela relação entre literatura e história na perspectiva teórica de Linda Hutcheon, com o livro *Poética do Pós-Modernismos*, e de Roger Chartier, no livro *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Sobre a identidade cultural, fez-se uso do trabalho de Stuart Hall no livro *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade*. Por fim, sobre a problemática do sujeito colonizado foi apresentada a leitura do livro *O Retrato do colonizador precedido pelo Colonizado*, de Albert Memmi.

Palavras-chave: Chimamanda Adichie. Identidade. Colonização. Literatura e história.

ABSTRACT

This article aims to analyze relationship between literature and history in the short story "The headstrong historian", in the book *The thing around your neck*, by Chimamanda Ngozi Adichie. We find to understand how colonization and identity are built in the text. In short story's lecture, we realize the cultural shock's representation between colonizer and colonized, as well as how African cultural identity is changed. We observe in the text too a contemporary point of view on the character Grace, that demystifies colonizer official story. The short story was published in 2017, and your plot aims to discuss about other views of African countries as Nigeria, emphasizing colonized point of view. The study was guided by literature and history's relationship proposed by Linda Hutcheon, with the book *A Poetics of Posmodernism: History, Theory, Fiction*, and by Roger Chartier, with the book *Cultural History: between practices and representations*. About cultural identity, we use Stuart Hall's study, in the book *The question of cultural identity*. At least, we present the lecture of the book *The colonizer and the colonized*, by Albert Memmi, to think about colonized subject's problem.

Keywords: Chimamanda Adichie. Identity. Colonization. Literature e history.

1 INTRODUÇÃO

No discurso *O perigo de uma história única*, Chimamanda Ngozi Adichie relata suas experiências com a leitura em sua vida. Foi uma leitora precoce, começou a ler por volta de quatro anos e começou a escrever com sete. No entanto, sua leitura e sua escrita estavam voltadas para os livros infantis britânicos e americanos aos quais ela tinha acesso.

Nas histórias que Adichie lia, estavam representados personagens brancos, de olhos azuis, cabelos lisos, que comiam maçãs, bebiam cerveja de gengibre e brincavam na neve. Ou seja, não havia representatividade de personagens negros, com cabelos crespos, que comiam manga, inhame, arroz, em um lugar que não tem necessidade de se preocupar com o nascer do sol. E com essas leituras, ela pensou que era normal não ser representada nas suas histórias e sim escrever sobre o estrangeiro.

A expressão que a escritora utiliza para evidenciar a questão de representatividade é “vulnerável em face de uma história”, pois sua percepção de literatura mudou, quando conheceu os livros africanos. Ela percebeu que pessoas como ela “com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos que não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura”. E essa descoberta possibilitou a quebra de uma única história sobre os livros e também na produção de suas obras.

Agora vamos contextualizar um pouco mais da autora. Adichie nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. Além da reunião de contos *No seu pescoço* (2017), é autora também dos romances *Meio sol amarelo* (2016), *Hibisco roxo* (2003), *Americanah* (2013), os ensaios *Sejamos todos feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas* (2017). A autora se autodeclara feminista, assumindo sua identidade de mulher negra e nigeriana. Suas obras quebram paradigmas que estão postos e institucionalizados em nossa sociedade hierarquizada, ao questionar a construção social dos papéis de gênero, dando voz aos oprimidos e silenciados na história e traduzindo aspectos da cultura nigeriana e americana.

A obra que iremos trabalhar, *No seu pescoço* (2017), expõe doze contos: *A cela um, Réplica, Uma experiência privada, Fantasmas, Na segunda-feira da semana passada, Jumping Monkey Hill, No seu pescoço, A embaixada americana, O tremor, Os casamenteiros, Amanhã é tarde demais*, e o último *A historiadora obstinada*. Em sua maioria, as protagonistas são mulheres nigerianas. São contos densos de intensa reflexão sobre a cultura hierarquizada e também sobre a opressão imposta à mulher negra.

Para atingir o nosso objeto de pesquisa, escolhemos o último conto, *A historiadora obstinada*, em que a autora situa a história da personagem Nwamgba, que escolheu seu próprio marido, apesar da contrariedade dos seus pais. Obierika, seu esposo, pertencia a uma família que carregava consigo uma maldição de infertilidade. Nwamgba também repete a história, sofre diversos abortos e, por isso, é malvista pela comunidade. Até que nasce Anikwenwa, o primeiro e único filho do casal. Pouco tempo depois, morre o

marido, deixando Nwamgba no meio de uma disputa familiar pelas terras. Os opositores são os primos do falecido. Nwamgba percebe que precisa colocar o filho em uma escola, para ele aprender inglês e defender seus direitos nos tribunais dos recém-chegados colonizadores ingleses. Ela opta por deixar seu filho com os missionários católicos, que ensinavam diretamente a língua inglesa, diferentemente dos missionários anglicanos que procuravam ensinar primeiro na língua materna. O filho aprendeu não só a língua como também a cultura do colonizador, conseqüentemente rejeitou os ensinamentos de sua mãe. Por esse resumo, é possível perceber que aparecem, no conto, questões de identidade e de colonização, que iremos analisar à luz de teorias sobre os temas.

2 “PÔR SENTIDO AO PASSADO”: HISTÓRIA, LITERATURA, IDENTIDADE E COLONIZAÇÃO

Primeiramente, iremos nortear o estudo da relação entre literatura e história a partir da perspectiva teórica de Linda Hutcheon, no livro *Poética do Pós-Modernismo* (1991). Hutcheon (1991) problematiza a história de forma crítica e contextual, afirmando que tanto a ficção quanto a história são discursos, ou seja, que:

[...] o sentido e a forma não estão *nos acontecimentos*, mas *nos sistemas* que transformam esses “acontecimentos” passados em “fatos” históricos presentes. Isso não é um “desonesto refúgio para escapar à verdade”, mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos. (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o pós-modernismo reinsere os contextos históricos significativamente, problematiza toda a noção do conhecimento histórico. A autora conclui que não pode haver um conceito único de história, questionando a autenticidade histórica. Propõe que essa mistura entre história e ficção (uma adulteração dos fatos) é o meio de fazer com que o leitor se conscientize sobre a natureza específica do referente histórico (HUTCHEON, 1991, p. 122-123).

Hutcheon (1991) esclarece melhor essa relação (História/Literatura), citando Jacques Derrida, que aponta que a história busca refletir ou construir o passado através dos vestígios do tempo. Em outras palavras, põe um sentido ao passado e o faz por meio da pressuposição de um final ou uma origem. Também assim procede a ficção. E ela esclarece que a diferença na ficção pós-moderna está em sua desafiadora autoconsciência sobre aquela imposição que a torna provisória (HUTCHEON, 1991, p. 132). Essa autoconsciência vai ganhar forma no conceito de metaficção historiográfica, que:

[...] refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da

afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade [...] (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Em outras palavras, a metaficção historiográfica tem autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas sendo “a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado” (HUTCHEON, 1991, p. 22). Nessa esteira, é possível ler o conto “A historiadora obstinada”, de Chimamanda Adichie, que está entrelaçado ao contexto histórico da Nigéria como nação colonizada. Iremos problematizar adiante essa mistura do histórico com o ficcional, percebendo, como aponta Hutcheon (1991), a reconstrução/construção histórica do conto e como literatura e história podem se apoiar mutuamente.

O estudo da História também deve ser encarado a partir da questão da retomada da cultura, segundo Roger Chartier, em *A História Cultural Entre Práticas e Representações* (1990). A cultura passou a ser o enfoque de Chartier para compreender melhor as relações humanas, pois os estudos nas décadas de 60 e 70 estavam reduzidos pelas determinações econômicas e sociais. Assim, a historiografia também começou a beber em outras áreas do conhecimento, como a Antropologia e a Teoria Literária.

Nessa linha, iremos analisar um pouco do passado colonial africano, através da leitura do conto, sendo possível detectar os hábitos e as práticas dos habitantes. Por exemplo, podemos perceber como era a alimentação, os deuses, a língua, as vestimentas, os papéis sociais desempenhados pelos homens e pelas mulheres etc., o que alimenta a perspectiva da história cultural. Esses dados são importantes, especialmente porque o conto apresenta uma passagem temporal que indica alteração dos costumes e as relações interpessoais, o que contribui para mudanças na identidade cultural das personagens.

Sobre a identidade cultural, abordaremos um pouco do trabalho de Stuart Hall, no livro *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade* (2006). Segundo o estudioso, no primeiro capítulo do livro, intitulado *A identidade em questão*, três são as concepções de identidade do ser humano: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A primeira consiste no sujeito do iluminismo, que é o indivíduo centrado, dotado de capacidades de razão e individualismo (usualmente descrito como masculino); a segunda é o sujeito sociológico, que não é independente, pois se forma pela relação que estabelece com os outros, em que o interior (mundo pessoal) e o exterior (mundo público) estão interligados; e a terceira é o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade única, mas várias, sendo algumas, inclusive, contraditórias, outras mal resolvidas, promovendo assim um debate em torno da crise de identidade.

No conto, iremos analisar como a identidade sociológica da cultura nigeriana sofre alterações com a presença do colonizador inglês, a partir do caso dos protagonistas do conto. Nossa hipótese é a de

que o sujeito ali presente possui características do sujeito pós-moderno, visto que a personagem Grace percebe os conflitos de identidade com relação à cultura de seus pais (que receberam influência através dos ensinamentos do colonizador) e para com a da sua avó (que se manteve resoluta quanto aos seus costumes).

Por fim, para complementar utilizaremos a problemática do sujeito colonizado, trabalhando com a leitura do livro *O Retrato do colonizador precedido pelo Colonizado*, de Albert Memmi (2007). O autor problematiza a colonização e expõe como o colonizador foi retratado por muito tempo:

A alguns às vezes ainda agrada representar o colonizador como um homem de grande estatura, bronzeado pelo sol, calçado com botinas, apoiado em uma pá – pois ele gosta de pôr mãos à obra, fixando seu olhar ao longe no horizonte de suas terras; entre duas ações contra a natureza, ele se devota aos homens, cuida dos doentes e difunde a cultura, um nobre aventureiro, enfim, um pioneiro (MEMMI, 2007, p. 37).

O autor continua argumentando que essa imagem épica talvez correspondeu um dia a alguma realidade ou apenas se limitou às gravuras das cédulas colônias. Visto que os motivos da empreitada colonial já foram esclarecidos por todos os historiadores da colonização, ninguém mais acredita na missão cultural e moral, mas puramente na econômica (MEMMI, 2007, p. 37).

E nessa empreitada, não poderíamos deixar de falar em privilégios. Memmi (2007) nos mostra que o estrangeiro que chega a um país pelo caos da história não consegue criar um espaço para si sem também tomar o do habitante. Alterando regras, ele as substitui pelas suas. Ele é privilegiado ilegítimo, isto é, um usurpador não apenas aos olhos do colonizado, mas aos seus próprios olhos.

Já o colonizado, segundo Memmi (2007), recebe a representação mítica do colonizador de preguiçoso, ocioso: “qualquer que seja a função que assuma, qualquer que seja o zelo com a que ele se dedique, nunca será nada além de preguiçoso” (MEMMI, 2017, 119). E esse argumento serviu para legitimar o trabalho do colonizador. Também ocorre a desumanização do colonizado e sua mistificação. Memmi escreve que o colonizador cria o retrato místico e degradante do colonizado e que é aceito por sua vez. “Ao aceitar essa ideologia, as classes dominantes confirmam, de certa maneira, o papel que lhes foi atribuído” (MEMMI, 2007, p. 126) de difundir a sua cultura “superior”.

A leitura do texto de Memmi (2007) nos ajudará a observar a mudança quanto ao entendimento do papel do colonizador pelas personagens que representam o colonizado, a partir da passagem temporal no conto *A historiadora obstinada*. A partir da forma como o colonizador é representado pelo olhar da personagem Nwamgba, também é possível desmitificar a história oficial do colonizador. É interessante destacar, no entanto, que só foi possível à personagem detectar a estrutura da colonização, porque ela

se utilizou da cultura e da língua do colonizador, aliadas à observação dos costumes ancestrais de seu povo, e essa ambiguidade assumida entre elementos do colonizado e do colonizador, mesmo que em situação de descolonização, será um fator que propicia a fragmentação do sujeito pós-moderno e, nesse caso, pós-colonial.

3 A OBSTINAÇÃO DA HISTÓRIADORA: EM BUSCA DE UMA HISTÓRIA QUE NÃO SEJA ÚNICA

O conto *A historiadora obstinada*, como o próprio título menciona, apresenta a obstinação de uma historiadora em recuperar as vozes silenciadas dos seus antepassados. “Obstinada (o)”, segundo o *Dicionário Aurélio*, significa “[Lat. *Obstinatu.*] *adj.* 1. Que se aferra a uma ideia, uma opinião, um plano, etc. 2. Que não deixa dissuadir; irredutível. 3. Que é birrento, teimoso” (FERREIRA, 1975, p. 998). Essa vontade de recuperar a história tem relação com o próprio projeto literário de Adichie que destaca o perigo de uma história única. Em verdade, o título vai remeter à terceira geração da família, que é enfocada na narrativa, com a personagem Grace, que percebe como o período colonial alterou os costumes de seus antepassados. Através da apresentação do período colonial, podemos observar a descrição do colonizador na visão do colonizado:

No dia em que os homens brancos visitaram seu clã, Nwamgba largou o pote que estava prestes a colocar no forno, pegou Anikwenwa e as meninas que eram suas aprendizes, e correu para a praça. A princípio, ficou desapontada em ver a aparência ordinária dos dois brancos, que pareciam indefesos e eram da cor de albinos, com pernas e braços frágeis e delgados [...] (ADICHIE, 2017, p. 219).

Nesse fragmento, podemos conhecer os aspectos físicos dos missionários europeus que aparentemente são frágeis e delgados, no entanto o seu papel na colônia foi extremamente vigoroso. Vamos observar melhor como o colonizador foi se adentrando em terras alheias. Através da imposição de costumes pela predisposição a não enxergar nada de “civilizado” no colonizado, primeiro imbecilizando-os, depois usando de violência:

Ayaju voltou de uma viagem em que fora trocar mercadorias com mais uma história: as mulheres em Onicha estavam reclamando dos homens brancos. Elas tinham ficado felizes quando eles construíram um posto de troca, mas agora os brancos estavam querendo ensiná-las como fazer negócio e, quando os anciãos de Agueke, um clã de Onicha, se recusaram a colocar os polegares num pedaço de papel, os homens brancos vieram à noite com os homens normais que os ajudavam e arrasaram a aldeia. Não tinha sobrado nada. (ADICHIE, 2017, p. 218).

Como vislumbramos, as pessoas que viviam na região hoje denominada Nigéria eram organizadas, possuíam comércio. E com a chegada dos colonizadores, estes não se dão por satisfeitos em apenas *fazer negócios*, mas apresentam a intenção de impor suas regras, de modo que, quando encontram resistência por parte das autoridades de Agueke, partem para a violência com outros grupos nativos.

Dessa forma podemos observar o colonizador adentrando no espaço do colonizado, já que impor suas regras comerciais não seria suficiente para estabelecer seu domínio imperial, era preciso de mais estratégias políticas, e por isso também construíram tribunais:

Semanas depois, Ayaju voltou com outra história: os homens brancos tinham construído um tribunal em Onicha, onde julgavam disputas locais. Tinham vindo, de fato, para ficar. Pela primeira vez, Nwamgba duvidou da amiga. Não era possível que o povo de Onicha não tivesse seu próprio tribunal. O tribunal do clã vizinho ao de Nwamgba, por exemplo, só fazia sessões durante o festival do inhame novo, de modo que o rancor das pessoas crescia enquanto elas esperavam por justiça. Um sistema estúpido, na opinião de Nwamgba, mas, sem dúvida, todos tinham o seu. [...] (ADICHIE, 2017, p. 219-220).

A construção de um tribunal (aparelho ideológico do Estado) em terra estrangeira já nos revela que o colonizador não estava de passagem: *tinham vindo, de fato, para ficar*. E assim como o colonizado possuía comércio, eles tinham seus tribunais com suas normas. Vamos observar como o colonizador passou a julgar em terra estrangeira:

[...] Ayaju contou uma história sobre duas pessoas que levaram uma disputa de terra ao tribunal dos homens brancos; o primeiro homem estava mentindo, mas sabia falar a língua deles, enquanto o segundo, o verdadeiro dono das terras, não sabia falar a língua e, por isso, perdeu e foi espancado, preso e obrigado a entregar a propriedade [...]. (ADICHIE, 2017, p. 220).

Nesse momento, averiguamos que o colonizador não dita apenas suas regras, mas começa a impor sua língua ao colonizado. E a linguagem mostra sua força e seu poder oprimindo aqueles que não possuem seu domínio.

Outras duas armas ideológicas que ajudaram a estabelecer o Império Colonial foram a Escola e a Igreja. Contextualizando um pouco o enredo, observamos a história de Nwamgba, que se vê obrigada a colocar seu único filho, a luz de seus olhos, para que fosse entregue para os homens brancos por três motivos. Primeiro, lembrando que a personagem pertence à primeira geração, porque após a morte de seu marido passou a sofrer pressão por parte dos primos do falecido, que ameaçavam tomar suas terras e, por ser mulher, não conseguia apoio dos anciões do seu clã. Segundo, porque ela percebeu a injustiça

feita nos tribunais dos homens brancos por falta de conhecimento da língua estrangeira. E terceiro, por conta do tráfico de pessoas, que se intensificou com a presença do colonizador:

[...] foi a história do menino Iroegbunam, que tinha desaparecido muitos anos atrás e subitamente reapareceu, um homem adulto, que deixou a mãe viúva em choque ao contar sua história: um vizinho, com quem seu pai muitas vezes discutia nas reuniões da aldeia, o raptara quando sua mãe estava no mercado e o levava para os mercadores de escravos de Aro, que o examinaram e reclamaram que a ferida em sua perna reduziria seu preço. Então ele e alguns outros foram amarrados pelas mãos, formando uma longa fila humana, e os homens bateram neles com um pedaço de pau e lhe mandaram andar mais depressa (ADICHIE, 2017, p. 220-221).

Nesse fragmento, podemos perceber que a rivalidade entre as pessoas e os grupos favorecia o tráfico de escravos. E foi por conta desse medo que a personagem Nwamgba colocou seu filho na escola jesuítica. Primeiro ela foi à missão anglicana:

[...] Os alunos ficavam sentados com ripas de madeira no colo, enquanto o professor ficava de pé diante deles, segurando uma grande bengala, contando uma história sobre um homem que transformou uma tigela de água em vinho. Nwamgba ficou impressionada com os óculos do professor e imaginou que o homem da história devia ser um feiticeiro bastante poderoso para conseguir transformar água em vinho. Mas, quando as meninas foram separadas dos meninos e uma mulher veio ensiná-las a costurar, Nwamgba achou uma tolice; em seu clã, as meninas aprendiam a fazer cerâmica e eram os homens que costuravam tecido. O que a fez desistir completamente da escola, no entanto, foi o fato de as aulas serem em igbo (ADICHIE, 2017, p. 222).

A maneira com que Adichie reflete sobre o cristianismo possibilita a descrição do olhar do colonizado perante a cultura do colonizador. Notamos também a relação dos papéis sociais desempenhados pelos homens e pelas mulheres na cultura do colonizado e do colonizador. Diante do exposto, verificamos que a missão anglicana procurou ensinar as crianças através da língua materna, o que possibilitava maior rendimento na aquisição da religião cristã. Mas como Nwamgba não estava interessada na cultura e sim no domínio da língua inglesa, optou em colocar seu filho com os missionários católicos.

E é, nesse momento, que a segunda geração vai se adentrar na cultura do colonizador. O primeiro passo foi assumir um nome inglês para Anikwenwa, que passou a se chamar Michael. Um nome quase impronunciável para a mãe, mas que para ela seu filho continuaria a se chamar Anikwenwa, Ani o que significa deus da terra (ADICHIE, 2017). Alterar o nome significa negar a própria cultura para assumir outra, e os dois nomes escolhidos fazem referência ao deus que cada denominação religiosa segue.

O segundo passo foi assumir as vestimentas do colonizador. O padre Shanahan “deu ao menino uma camisa e um par de calções, pois o povo de Deus não andava por aí nu” (ADICHIE, 2017, p. 223). No início, Anikwenwa sempre tirava as roupas, “não gostava dos calções e da camisa que o faziam suar, do tecido que dava coceira ao redor das axilas” (ADICHIE, 2017, p. 224). Mas essa postura com relação às roupas foi mudando devagar, principalmente quando ele começou a perceber olhares de admiração por parte do seu clã. E com isso se percebe o quanto a roupa é um elemento estabelecido culturalmente.

Perante esse processo de mudança do filho, primeiramente Nwamgba ficou orgulhosa, especialmente pelo fato de Anikwenwa estar utilizando língua inglesa para poder se defender. Contudo, logo seu orgulho foi se exaurindo, pois, com o passar do tempo, ela notou que “a curiosidade dos olhos de Anikwenwa havia diminuído. Havia uma nova gravidade nele, como se subitamente houvesse descoberto que era obrigado a carregar um mundo pesado demais. Ele passava muito tempo olhando a mesma coisa” (ADICHIE, 2017, p. 225).

Com suas novas roupas, Anikwenwa começou a questionar as de sua mãe, comparando com as da sua nova cultura:

disse a Nwamgba que ela devia amarrar a canga ao redor do peito em vez de ao redor da cintura, pois sua nudez era pecado. Ela olhou para Anikwenwa, achando graça daquela seriedade, mas ainda assim preocupada, e perguntou por que ele só notara sua nudez agora” (ADICHIE, 2017, p. 225).

Nesse momento, temos uma fase de contra-identificação com a cultura local e de identificação com a cultura do colonizador, a esse processo Pierre Bourdieu (1989) denomina de “violência simbólica”. Ela consiste na violência exercida com a cumplicidade implícita daqueles que a sofrem (classe dominada), e, também, frequentemente, daqueles que a exercem (classe dominante) na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer (BOURDIEU, 1989). Nesse discurso, o colonizador ganha força e a visão que tem de si e de sua cultura altera a do colonizado. De acordo com Memmi, “[...] o esmagamento do colonizado está compreendido nos valores colonizadores. Quando o colonizado adota esses valores, adota também sua própria condenação. Para libertar-se, ao menos acredita nisso, ele aceita destruir-se. [...]” (MEMMI, 2007, p. 164).

Como grande parte do seu tempo foi dedicado a escola inglesa, o menino não mais participava das atividades e das festas do seu povo, o que contribuiu para gerar o terceiro passo no processo de colonização, quando Anikwenwa passou a rejeitar o alimento de seus conterrâneos: “parou de comer a comida da mãe porque, segundo dizia, ela era um sacrifício a falsos ídolos” (ADICHIE, 2017, p. 225). Como a comida está diretamente ligada à religião, a negação da alimentação por uma questão religiosa significa

que o processo de dominação da identidade do menino está quase completo. A maneira como ele rejeita a comida faz com que percebamos como o colonizador descreve a crença do colonizado:

Quando chegou a hora de sua cerimônia imamu, Anikwenwa disse que não ia participar, pois era um costume pagão iniciar os meninos no mundo dos espíritos, um costume que o padre Shanahan dissera que deveria acabar. Nwamgba puxou a orelha dele com força e disse-lhe que um albino estrangeiro não podia determinar quando seus costumes iriam mudar, e assim, até que o próprio clã decidisse que a iniciação iria parar de acontecer, ou ele participaria ou teria de escolher se era filho dela ou do homem branco. [...] (p. 225).

Pela transformação do personagem Anikwenwa, agora Michael, podemos observar a estratégia do colonizador, que entrou pacificamente nas terras alheias, ensinando sua cultura para as crianças, mas que já possuía o objetivo de acabar com a cultura do colonizado, para garantir sua dominação. A personagem Nwamgba, que sempre esteve ciente desses acontecimentos, tinha, contudo, a esperança de que a sua história não seria apagada por completo.

O casamento também foi pensado com o intuito de perpetuar os ensinamentos do colonizador. Anikwenwa se casou com Mgbeke (nome antes de virar cristã). A cerimônia de casamento para Nwamgba foi estranha e engraçada, mas ela "suportou-a em silêncio e disse a si mesma que logo ia morrer e se unir a Obierika, libertando-se de um mundo que cada vez fazia menos sentido" (ADICHIE, 2017, p. 227). A narrativa do conto, especialmente com essa citação, estabelece relação com a obra *O Mundo Se Despedaça* (2019), do autor nigeriano Chinua Achebe, em que também encontramos essa história conflituosa da constante ameaça do colonizador em apagar as histórias, os costumes e as vidas dos que passam a ser visto agora simplesmente como colonizados.

Com o casamento, Nwamgba acredita que, ao menos, com os seus netos conseguiria manter sua tradição viva. Mgbeke, antes de receber o nome cristão Agnes, também sofreu vários abortos até dar à luz a um menino. O padre o batizou com o nome de Peter, mas Nwamgba o chamava de Nnamdí, pois acreditava que o espírito de Obierika tinha voltado. No entanto, por mais que tentasse, não sentia o espírito de seu marido. Até que depois de três abortos, Mgbeke engravidou de uma menina. Nwamgba achou engraçado o espírito de seu marido vir em forma de uma garota¹. O padre batizou-a com o nome

¹ Contextualizando o conto trata de uma cultura patriarcal, em que as vozes das mulheres não são ouvidas, muito menos respeitadas. E nessa passagem Nwamgba esperava um homem para continuar sua história, ter atitude, tomar decisões e enfrentar o colonizador.

de Grace, embora Nwamgba a chamasse de Afamefuna, que significa “meu nome não se perderá”. Essa é a terceira geração.

Grace/Afamefuna recebeu a mesma educação do pai, mas seus olhos estavam voltados para as histórias e poesias de sua avó. Ela foi uma das poucas mulheres que frequentou a *University College de Ibadan* e largou Química para fazer História, quando um professor especialista em História do Império Britânico foi expulso por querer colocar no currículo História Africana. Mais tarde, ela decide mudar seu nome Grace para Afamefuna.

É através dessa jovem que, ao mudar seu nome, assumindo a identidade do seu povo de origem, que a cultura e a história de sua avó continuarão vivas, mesmo que mescladas à cultura e à história do colonizador. Grace é a historiadora obstinada que dá nome ao conto.

Nos últimos parágrafos do conto, aparece onze vezes a expressão “foi Grace quem”, para destacar a importância da tomada de consciência da personagem, bem como para demonstrar quais foram os elementos que mais sofreram com a colonização: tudo o que Grace percebe e faz:

[...] **Foi Grace quem** começou a repensar tudo o que havia aprendido [...]. **Foi Grace quem** começou a repensar tudo o que seu pai havia aprendido [...]. **Foi Grace quem**, [...], começaria a ser assombrada pela imagem de uma aldeia destruída, e iria a Londres, Paris e Onicha, folheando pastas emboloradas em arquivos e reinventando as vidas e os cheiros do mundo de sua avó para o livro que escreveria, intitulado *Pacificando com balas: uma história recuperada do sul da Nigéria*. [...] **Foi Grace quem**, quando recebia prêmios da universidade, quando discursava para plateias solenes em conferências sobre os povos ijaw, ibibio, igbo e efik do sul da Nigéria, quando escrevia relatórios para organizações internacionais sobre coisas que deviam ser óbvias para qualquer um que tivesse bom senso, mas pelas quais, mesmo assim, ela recebia remunerações generosas, imaginava sua avó observando tudo e rindo, muito divertida. **Foi Grace quem**, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, mas sentindo-se, sem saber explicar bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi a um cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome de Grace para Afamefuna (p. 230-233).

Pela leitura do conto *A historiadora obstinada*, é possível perceber a relação de autoconsciência destacada por Hutcheon (1991), quanto à relação entre história e literatura, pois observamos o entrelaçamento da história da colonização da Nigéria com a leitura do conto, bem como a postura de Chartier, para o qual notamos a presença de elementos culturais do povo igbo antes da colonização. Também é possível perceber a diferença no processo de identidade das personagens, já que Nwamgba representa a primeira geração com traços da identidade sociológica, Anikwenwa representa a segunda geração com traço da identidade pós-moderna (contraditória), e Afamefuna representa a terceira geração com a identidade

pós-moderna (conflituosa). Tal mudança no processo de identificação das personagens tem a ver com o processo colonial que é relatado no conto, que coincide com o estudado por Memmi, pois observamos a mudança quanto ao entendimento do papel do colonizador pelas personagens Nwamgba e Afamefunu, possibilitando a desmistificação da história oficial do colonizador.

Por fim, é possível estabelecer relação entre o conto e a fala "O perigo de uma história única" de Adichie, que usamos para iniciar este trabalho. No conto, acontece a imposição dos costumes dos colonizadores, e tal situação só é alterada com o processo de tomada de consciência de Grace/Afamefunu, que, ao buscar maior conhecimento de sua história, percebe que sua história estava sendo suprimida. E com essa tomada de consciência ela (escritora/personagem) começa a escrever e divulgar o seu conhecimento.

4 CONCLUSÕES

Através da leitura do conto *A historiadora obstinada*, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, conseguimos perceber a representação do choque cultural entre o colonizador e o colonizado, bem como a forma como a identidade cultural africana é alterada, até que haja uma contemporânea desmistificação da história oficial do colonizador pelo olhar da personagem Grace.

Conseguimos traçar e vislumbrar as três gerações que parecem no conto: a primeira que consiste na avó Nwamgba, que carrega consigo a história e a cultura do seu povo e se mostra irresoluta ao negar a cultura do colonizador. A segunda consiste na transformação de Anikwenwa em Michael, que ao se inserir na cultura do colonizar, acaba por abraçar essa nova forma de ver o mundo, negando sua própria identidade original. E, por fim, a terceira geração consiste na história de Grace, que toma consciência de seu lugar no mundo e se assume como Afamefunu, por ter se dado conta do papel prejudicial da colonização para com sua cultura e tradição.

Trabalhando com história e ficção, entendemos a importância do conhecimento da nossa história para desconstruir e problematizar discursos que se mostram prontos e acabados na nossa sociedade. Contudo, essa é uma tarefa para alguém obstinado, tal como Nwamgba e Grace, para quem os benefícios que advém da colonização não podem minimizar o valor da cultura ancestral de seu povo.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Verra Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009 [1958].

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. A historiadora obstinada. *In*: _____. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 212-233.

_____. "O perigo de uma única história". Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por/_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. Acesso em: 03 maio 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.